

ESTUDO CONTRASTIVO DOS PRONOMES PESSOAIS SUJEITO E DOS PRONOMES COMPLEMENTO EM PORTUGUÊS E ESPANHOL

Carolina Andrade Rodrigues da Cunha¹
Instituto Federal do Triângulo Mineiro
(carolinaandrade@iftm.edu.br)
Katia Aparecida da Silva Oliveira²
Universidade Federal de Alfenas
(katia.oliveira@unifal-mg.edu.br)

Resumo: Este trabalho, ao contrastar gramáticas da língua portuguesa e da língua espanhola e analisar um grupo de crônicas, escritas nesses dois idiomas, visa identificar aspectos referentes à utilização dos pronomes pessoais em português – os do caso reto (sujeito) e do caso oblíquo (clíticos não-reflexivos e não-preposicionados) – e, em espanhol – os “pronombres sujeto” e “pronombres complemento directo e indirecto” (não preposicionados). Dessa maneira, o trabalho dispõe-se a cooperar com pesquisas que se dedicam a reconhecer/identificar as diferenças e aproximações entre a língua portuguesa e a língua espanhola, principalmente no que diz respeito à aparente semelhança entre os pronomes em cada idioma.

Palavras-chave: pronomes pessoais; complemento direto e indireto; português; espanhol.

Abstract: This study, in contrasting Portuguese language's and the Spanish language's grammar and analyzing a group of chronicles, written in these two languages, aims to identify aspects referring to personal pronouns use in Portuguese - those of the “caso reto” (subject) and the “caso oblíquo” (clitics non-reflexive and non-prepositional pronouns) - and in Spanish - the “pronombres sujeto” and “pronombres complemento directo e indirecto” (not prepositions). In this way, the work is willing to cooperate with researches that are dedicated to recognize/identify the differences and approximations between Portuguese and Spanish language, mainly with respect the apparent similarity among the pronouns in each language.

Keywords: personal pronouns; direct and indirect complement; Portuguese; Spanish.

Resumen: Este trabajo, al contrastar gramáticas de lengua portuguesa y de lengua española y analizar un grupo de crônicas, escritas en esos dos idiomas, busca identificar aspectos referentes a la utilización de los pronombres personales en portugués – los de “caso reto” (sujeto) y los de “caso oblíquo” (clíticos no-reflexivos y no-preposicionados) – y en español – los pronombres sujeto y pronombres complemento directo e indirecto (no preposicionados). De esa manera, el trabajo objetiva cooperar con investigaciones que se dedican a reconocer/identificar las diferencias y acercamientos entre la lengua portuguesa y la lengua española, principalmente en lo que dice respecto a la aparente semejanza entre los pronombres en cada idioma.

¹ Professora Mestre de Língua Espanhola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM Campus Paracatu.

² Professora Doutora de Língua e Literatura Espanhola do curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG.

Palabras clave: pronombres personales; complemento directo e indirecto; português; español.

Introdução

Devido à sua origem comum, o latim, as línguas portuguesa e espanhola são consideradas línguas-irmãs, promovendo, assim, constantes comparações, seja no que se refere ao que têm em comum, como no que as distancia.

Segundo Calvo (2007, p. 98), no que se refere às comparações feitas entre essas línguas, no nível sintático,

(...) uma das áreas que apresenta maior interferência são os pronomes, apesar de serem muito semelhantes em ambas as línguas. Todavia, esta semelhança 'normativa' está se mitigando por causa de dois movimentos contrários que podem-se observar no português brasileiro: de um lado, o 'preenchimento' do sujeito pronominal, (...); do outro, o 'apagamento' dos pronomes clíticos.

A semelhança entre os usos e até mesmo a composição do quadro pronominal dos pronomes nas línguas portuguesa e espanhola está diminuindo. Esse fato ocorre, entre outros fatores, devido a um aumento, no português do Brasil, da utilização dos pronomes pessoais tônicos em contrapartida a uma notável diminuição ou falta de utilização dos átonos, sendo aqueles, cada vez mais utilizados, principalmente, na linguagem informal. Já no espanhol ocorre o contrário, como comenta Calvo, nessa língua o uso de pronomes oblíquos clíticos é predominante.

Com base no exposto, este trabalho pretende, através de definições teóricas e da análise de um *corpus* formado por crônicas, focalizar a utilização e identificar aspectos referentes à utilização de parte dos pronomes pessoais nas duas línguas. A escolha dos pronomes pessoais tônicos ou pessoais do caso reto/"sujeito" e clíticos não-reflexivos e não-preposicionados/"complemento directo e indirecto" (não preposicionados), em português e em espanhol, se justifica devido ao fato de que,

ao observar a utilização desses pronomes, é possível identificar elementos que diferenciam e distanciam os dois idiomas.

A análise desses pronomes será realizada em um *corpus* constituído por quatro crônicas, duas escritas em português e duas em espanhol, a partir da segunda metade do século XX, evidenciando, dessa maneira, o uso dos pronomes pessoais estudados e caracterizando uma pesquisa de cunho qualitativo. O critério da seleção dos autores, conhecidos por suas produções, ocorreu devido à sua contribuição à literatura e ao gênero crônica em ambos os idiomas.

A escolha das crônicas como tipo textual a partir do qual serão observados os usos dos pronomes se deu em razão de esses textos comporem um gênero híbrido, entre o discurso literário e o não literário, no qual predomina a linguagem informal, de forma que a linguagem espontânea, utilizada no dia-a-dia, possa ser analisada.

Partindo do estudo de diferentes gramáticas da língua portuguesa, tais como a de Bechara (2005), Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2008), Mesquita (2002) e Neves (2000) e de diferentes gramáticas da língua espanhola, Matte Bon (2008), Sarmiento (1997) e Real Academia Española (1999), pretende-se identificar diferentes usos dos pronomes estudados em ambas as línguas.

Tendo como foco as formas como são utilizados esses pronomes pessoais em português e em espanhol, e partindo das referências bibliográficas apresentadas, esse trabalho visa contribuir para as pesquisas que se dispõem a reconhecer/identificar as diferenças e aproximações entre a língua portuguesa e a língua espanhola, principalmente no que diz respeito à aparente semelhança entre os sistemas pronominais de cada idioma.

Definindo os pronomes

Em língua portuguesa, ao definir pronomes, Bechara (2005, p. 162) diz que

essa é “(...) a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”. De maneira mais objetiva, Rocha Lima (2008, p. 110) explica que “pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”.

Em língua espanhola, os pronomes são definidos por Sarmiento (1997, p. 143, tradução das autoras) como palavras dêiticas que

servem, por exemplo, para indicar algo que está ante nossos olhos (...); servem para remeter, sem mencionar seu conceito, a algo que acabamos de pronunciar ou escrever (...), e servem, por último, para apontar deiticamente aquele que fala ou aquele que escuta (...)³.

De acordo com as definições de pronomes em português e em espanhol, podemos inferir que, em ambas as línguas, essa classe de palavras representa algo evidente pela situação ou, ainda, algo já explicitado ou que ainda será apresentado no texto.

No que se refere aos pronomes pessoais, parece haver uma unanimidade entre os teóricos estudados ao definir tais elementos como palavras que se referem às distintas pessoas gramaticais, tendo, assim, a capacidade de fazer referência pessoal.

Cunha e Cintra (2001, p. 276), por exemplo, caracterizam os pronomes pessoais, em língua portuguesa, pela capacidade que têm de indicar *quem fala* (1ª pessoa), *com quem se fala* (2ª pessoa) e *de quem se fala* (3ª pessoa) e, também, por representar, quando conjugados na 3ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa. Assim, em “Nós acreditamos que *ele te ama*”, por exemplo, podemos encontrar três pronomes pessoais que indicam pessoas do discurso, isto é, pessoas que estão dentro do ato de comunicação: *Nós* (1ª pessoa), *ele* (3ª pessoa) e *te* (2ª

³ Sirven, por ejemplo, para indicar algo que está ante nuestros ojos (...); sirven para remitir, sin mentar su concepto, a algo que acabamos de pronunciar o escribir, o a algo que se va a pronunciar o escribir (...), y sirven, por último, para señalar deiticamente al que habla o al que escucha (...).

peessoa). Assim como já foi dito, o pronome *ele*, além de indicar a pessoa de quem se fala, se refere a alguém que, em algum momento da comunicação, já foi mencionado.

Matte Bon (2008, p. 241, tradução das autoras) concorda com Cunha e Cintra ao explicar que em língua espanhola

os pronomes pessoais se definem em relação ao ato da enunciação e à distribuição que implica dito ato dos papéis de enunciador, destinatário da mensagem e terceira pessoa – que não participa diretamente no intercâmbio comunicativo (...)⁴.

Dessa maneira, “*Yo entendí que tú eras el hermano de ella*” apresenta, em espanhol, pronomes representantes das três pessoas do discurso: *yo* (1ª pessoa – enunciador), *tú* (2ª pessoa – destinatário) e *ella* (3ª pessoa), que indicam, respectivamente, a pessoa que produz o discurso, a pessoa para quem ele é direcionado e a pessoa de quem se está falando, que não é nem *yo* nem *tú*.

Segundo Castilho (2001, p. 93), para descrever a morfologia pronominal, a gramática portuguesa selecionou as expressões “caso reto” e “caso oblíquo”, que estão baseadas na morfologia de casos do latim. O autor, ao distinguir essas expressões, diz que a primeira é uma propriedade do sujeito e a segunda, uma propriedade dos complementos.

Já a gramática espanhola não parece haver particularizado uma expressão em especial para classificar os pronomes pessoais. Dessa maneira, referindo-se à função que desempenham, eles normalmente são identificados como *pronombres sujetos*, quando se referem ao sujeito e *pronombres complemento*, quando se referem ao complemento.

⁴ Los pronombres personales se definen en relación con el acto de enunciación y la distribución que implica dicho acto de los papeles de enunciador, destinatario del mensaje y tercera persona – que no participa directamente en el intercambio comunicativo (...).

Delimitando a definição aos pronomes pessoais do caso reto (pronomes pessoais sujeito) em língua portuguesa, pode-se dizer, de acordo com Mesquita (2002, p. 235), que eles “(...) funcionam geralmente como sujeito e podem, às vezes, ser omitidos, pois as desinências verbais já indicam a pessoa gramatical”.

Um exemplo para a afirmação de Mesquita pode ser: “*Estou (eu) cansada de esperar! Ele não diz nada*”. Já que o ouvinte poderia ter dúvidas sobre quem não diz nada (você, ele, ela, o senhor...) ou, ainda na ausência do pronome, poderia interpretar a sentença como imperativo, uma vez que cada vez menos se usa o subjuntivo no português (“Não diga nada”), na segunda oração do exemplo o pronome *Ele* está explícito para não haver ambiguidade. Na primeira, entretanto, em função de o verbo (*estar*) estar conjugado na 1ª pessoa do singular, indicando que o pronome *eu* está implícito, não há necessidade de dizê-lo.

Sarmiento (1997, p. 150, tradução das autoras), por outro lado, afirma que em espanhol os pronomes pessoais que são utilizados como sujeito “(...) se omitem frequentemente, já que se encontrando expressos em proposições anteriores se sobre-entendem fácil e claramente, e porque as flexões do verbo o indicam com toda precisão⁵”. Isto é, ou por já terem sido citados ou por se encontrarem expressos através das desinências verbais, os “*pronombres sujeto*” constantemente são omitidos das orações: “*Quiero (yo) que me escribas (tú)*”. Está claro que, nessa frase, o sujeito de *Quiero* é eu (*yo*) e de *escribas* é tu (*tú*); isso se dá pelo fato de as desinências já explicitarem as pessoas a que pertencem esses verbos.

Complementando, Fernández Soriano (1999, p. 1224, tradução das autoras) fala de uma especificidade do espanhol, acrescentando que o fato de a língua espanhola permitir a omissão dos pronomes sujeito distingue essa língua de outras, tais como o inglês, na qual o sujeito deve aparecer expresso:

⁵ (...) se omiten frecuentemente, ya que hallándose expresos en proposiciones anteriores se sobrentienden fácil y claramente, y porque las flexiones del verbo lo indican con toda precisión

O espanhol permite omitir os pronomes sujeito, isto é, junto a uma oração como *Ella ha venido* existe a possibilidade da paralela sem pronome, *Ha venido*. Assim, nossa língua difere de outras, como o inglês, que só permitem, com verbos conjugados, construções em que o sujeito aparece expresso (*He saw her*). (...) ⁶.

Resumindo, no que se refere às definições dos pronomes pessoais, com função de sujeito, a definição atribuída por Mesquita (2002) é próxima às atribuídas por Sarmiento (1997) e por Fernández Soriano (1999), isto é, as definições, de língua portuguesa e espanhola, são um tanto análogas.

Porém, Segundo González (2008), enquanto os pronomes sujeito (tônicos) são predominantes no português, no espanhol, eles são quase nulos. A autora explica que tal fato pode ocorrer, no português, devido a uma fraqueza da concordância ou a uma diferente organização discursiva. Já no espanhol, a ausência desses pronomes é explicada pela força da desinência verbal que atua, praticamente, como um pronome, permitindo, frequentemente, sua omissão.

A autora ainda reforça que em português os pronomes tônicos podem aparecer duplicando um tópico, o que resulta em uma perda de valores contrastivos e, conseqüentemente, em uma debilitação da ordem, como ocorre em: “*O menino, ele está no parque*”, onde o pronome tônico *ele* aparece duplicando o sujeito *o menino*.

No espanhol, entretanto, esses pronomes produzem efeitos, principalmente discursivos, obedecendo, dessa maneira, às necessidades do discurso e evitam ambigüidades quando não é possível recuperar o sujeito no contexto. É o que podemos observar em: “*No sé decirte el motivo, pero todos los días yo/él/ella estaba muy triste*”, exemplo no qual a ambigüidade se desfaz com a utilização de um pronome sujeito determinando a pessoa (*yo, él* ou *ella*) à qual o verbo *estaba* se

⁶ El español permite omitir los pronombres de sujeto, esto es, junto a una oración como *Ella ha venido* existe la posibilidad de la paralela sin pronombre, *Ha venido*. Así, nuestra lengua difiere de otras, como el inglés, que sólo permiten, con verbos conjugados, construcciones en que el sujeto aparece expresado (*He saw her*). (...)

refere.

Os pronomes do caso oblíquo, clíticos não-reflexivos, em português, indicam o objeto direto e o objeto indireto. Neves (2000, p. 453 e 454), por exemplo, reflete sobre a terceira pessoa desses pronomes da seguinte maneira: “Os pronomes pessoais átonos não-reflexivos de terceira pessoa têm formas particulares para: a) objeto direto: é a forma *o* e suas variantes de gênero e número (...) b) objeto indireto: é a forma *lhe(s)*”. Dessa maneira, “Estela encontrou-o (Ricardo) na festa” e “Estela foi até Ricardo levar-*lhe* um presente” exemplificam, respectivamente, a presença de um objeto direto, *o*, que se refere a Ricardo, já mencionado antes, e de um objeto indireto, *lhe*, que diz respeito, também, a Ricardo, nos exemplos dados.

Devido à grande dificuldade em se obter a definição desses pronomes em língua espanhola, Fernández Soriano (1999, p. 1253, tradução das autoras), ao dizer que os “pronombres complemento” “(...) são formas pronominais de objeto não acentuadas que aparecem unidas ao verbo, antes (próclise) ou depois (ênclise), em uma relação de estrita adjacência; somente outro clítico pode intervir entre ambos”⁷, indica as posições em que é possível encontrar esses pronomes nessa língua. Matte Bon (2008, p. 251, tradução das autoras) está de acordo com Fernández Soriano, pois, para ele, as formas clíticas dos pronomes complemento “(...) podem ir antes ou depois do verbo, e não vão nunca introduzidas por nenhuma preposição”⁸.

Para exemplificar as citações acima, temos “No *te lo daré*”, em que verificamos a ocorrência de próclise, já que o pronome está localizado antes do verbo, e comprovamos a interferência de outro pronome clítico, *lo*, entre o clítico *te* e o verbo ao qual se refere, *daré*. Já em “*Hacerlo* mal sería un error”, ocorre ênclise, uma vez que o pronome *lo* está posicionado depois do verbo *hacer*.

⁷ (...) son formas pronominales de objeto no acentuadas que aparecen unidas al verbo, bien sea delante (proclisis) bien detrás (enclisis), en una relación de estricta adyacencia; sólo otro clítico puede intervenir entre ambos.

⁸ (...) pueden ir antes o después del verbo, y no van nunca introducidas por ninguna preposición.

González (2008) faz um contraste dizendo que os pronomes complemento (clíticos), em espanhol, são utilizados para expressar tanto objeto direto (OD), como objeto indireto (OI), mas que, em português, apesar de em situações mais constantes serem usados como complemento indireto, esses pronomes muito raramente são utilizados como complemento direto. A autora observa, ainda, que, no português, o uso de pronomes clíticos acontece, principalmente, em estilos mais formais, como neste trecho do conto “Feliz aniversário” de Clarice Lispector⁹: “Catarina teve subitamente vontade de perguntar-*lhe* se fora feliz com seu pai”.

“Costó cincuenta mil, pero no *los* vale” e “*Le* cerraron los ojos” (SARMIENTO, 1997, p. 152) são exemplos de uso dos pronomes complemento direto e indireto, *los* e *le*, frequentes no espanhol. Já no português, podemos verificar frases como “Gostaria de fazer-*lhe* um convite”, em que o complemento indireto, *lhe*, é utilizado.

Como foi possível notar, apesar de não necessariamente representar uma semelhança em sua utilização, são bastante semelhantes as definições teóricas de pronomes, de pronomes pessoais, de pronomes sujeito/“pronombres sujeto” e de pronomes clíticos não-reflexivos e não-preposicionados/“pronombres complemento directo e indirecto” feitas por gramáticas das línguas portuguesa e espanhola.

Usos dos pronomes

Simões (2009, p. 02) afirma que González (1994, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005, 2008) verificou uma inversa assimetria em relação à ocorrência do objeto pronominal no espanhol e no português. Essa inversa assimetria constatada diz respeito à grande utilização dos pronomes clíticos no espanhol, enquanto, no português, essa forma é utilizada em estilos mais formais, sendo, muitas vezes,

⁹ cf. LISPECTOR, C. *Laços de Família*, 1960, apud MESQUITA, R. M. *Gramática da Língua Portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 238.

substituída por pronomes tônicos.

Tal afirmação retoma as palavras de Calvo (2007, op. cit), que se referem à tendência de o português utilizar mais os pronomes tônicos, tais como os do caso reto (sujeito), enquanto o espanhol utiliza com maior frequência os pronomes clíticos, como os clíticos não-reflexivos do caso oblíquo, por exemplo.

Ao analisarmos a linguagem coloquial do português do Brasil, por exemplo, é comum encontrarmos o emprego do pronome reto *ele* e suas variações, no lugar de *o* e suas variações, como complemento dos verbos: “Eu levo *ele* ao médico” - na norma culta, “Eu levo-*o* ao médico”.

Ao contrário do português, é tendência, no espanhol, a duplicação de complemento, como em: “*Lo vi a él*”. Para Zorzo-Veloso (cf. ZORZO-VELOSO, 2003, p. 4, *apud* ZORZO-VELOSO e SAITO, p. 134 e 135), a duplicação ocorre quando há, em uma sequência, dois elementos com um mesmo referente, um pronome clítico (*lo*) e um sintagma (*a él*), e apenas um espaço argumental para os dois.

Segundo a autora (cf. ZORZO-VELOSO, 2003, p. 36, *apud* ZORZO-VELOSO e SAITO, p. 134), nesse fenômeno da duplicação, os pronomes são “instrumentos específicos na ação de referir às entidades de uma predicação” e os sintagmas nominais duplicadores são utilizados “no jogo de esclarecer, salientar ou relembrar os referentes daqueles pronomes clíticos”.

González (2008) diz que a ideia de que existe uma grande semelhança entre o português e o espanhol deve ser questionada, já que se trata de um lugar-comum. Para a autora, inclusive quando as similitudes existem em um nível superficial da língua, há fatores, como a diferença entre a distribuição das formas tônicas e clíticas dos pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol, que podem causar erros de interpretação e incompreensão mútua entre os falantes dessas línguas.

Partindo do que diz Neide González (2008), é possível pensar que a grande proximidade, várias vezes discutida, existente entre as línguas portuguesa e espanhola é, em alguns aspectos, pelo menos moderada, sobretudo quando se

compara, inclusive no nível das variedades mais informais, essas duas línguas.

Análise do corpus

A análise dos pronomes pessoais do caso reto, sujeito, e do caso oblíquo, clíticos não-reflexivos e não-preposicionados, no corpus de crônicas, tem como objetivo observar como e em que situações se dá a utilização desses pronomes.

O corpus analisado é constituído por duas crônicas de língua portuguesa, *Conversa de compra de passarinho* (2000, p. 42 a 44) de Rubem Braga e *Glória* (1996, p. 32 a 34) de Carlos Drummond de Andrade, ambos autores brasileiros, e duas crônicas de língua espanhola, *Nena, lleváte un saquito* (1997, p. 25 a 27) do argentino Néstor Perlongher e *Te mando un brazo*, publicado no “Diario La Tercera” em 17/10/2005, de Jaime Bayly, peruano.

O procedimento para análise ocorreu da seguinte maneira: seleção dos pronomes estudados, identificação da posição em que foram encontrados e, também, foram examinadas as situações em que apareceram ou não no corpus.

Crônicas em língua portuguesa

No geral, foi possível observar nas crônicas em língua portuguesa que, em momentos de conversa informal, há um grande número de pronomes tônicos e raríssimas ocorrências de pronomes complemento.

Na primeira crônica analisada, *Conversa de compra de passarinho* (2000, p. 42 a 44), de Rubem Braga, que possui uma estrutura formada por diálogos que reproduzem momentos de conversa espontânea em situações informais, podemos verificar a comprovação de uma das ideias centrais desse trabalho, o preenchimento dos pronomes tônicos concomitante ao desaparecimento do uso dos pronomes átonos no português. Em “Foi o senhor quem *pegou ele?*” (p. 44), o pronome tônico

e/le, utilizado na linguagem coloquial da crônica, está substituindo o pronome complemento *o*, de utilização correspondente à norma culta da língua portuguesa.

Já em momentos em que o narrador-personagem relata os acontecimentos da história, momentos em que há um maior grau de formalidade, não verificamos essa troca de pronomes átonos por pronomes tônicos. Vejamos, por exemplo, o seguinte fragmento:

Entro na venda para comprar uns anzóis, e o velho está *me* atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaios de lenha. *Fica* ali, parado, esperando. O velho parece que não *o* vê, mas afinal *olha* as achas com desprezo (...) [grifo nosso] (p. 42).

No caso dessa citação, nota-se a ausência de pronomes tônicos e a presença de pronomes complemento, situação inversa à observada em situações informais. Em *Entro* (1ª pessoa singular), a omissão do pronome tônico ocorre devido à indicação da pessoa gramatical já estar expressa na desinência do verbo e, no caso de *Fica* e *olha* (3ª pessoa do singular), os pronomes são omitidos em razão de as pessoas já terem sido referidas anteriormente, o menino e o velho, respectivamente. O uso adequado dos clíticos *me* e *o*, referindo-se ao narrador-personagem de 1ª pessoa e ao menino que chega, demonstra que o processo de transformação da língua que está ocorrendo no português brasileiro está em progresso e, não, finalizado; a língua está em contínuo movimento.

Quanto à posição em que se encontram os pronomes clíticos nessa crônica, observamos a predominância da próclise, já que a maioria dos pronomes clíticos encontrados assume sua posição antes do verbo.

Temos, por exemplo, logo ao início, a seguinte frase: “(...) o velho está *me* atendendo quando (...)” (p. 42), em que aparece a locução verbal *está atendendo*, o que implica em algumas variações, no português brasileiro, na colocação do pronome. O emprego do pronome próclítico, nesse caso, é facultativo, já que quatro

hipóteses são aceitas, ficando, as escolhas mais subordinadas à ênfase ou à harmonia da expressão: próclise do verbo auxiliar - “(...) o velho *me* está atendendo (...)”; ênclise do verbo auxiliar - “(...) o velho está-*me* atendendo (...)”; próclise do verbo principal, como ocorre na crônica e ênclise do verbo principal: “(...) o velho está atendendo-*me* (...)”.

Outro momento em que aparece a próclise é em “O velho parece que não o vê (...)” (p. 42). Nesse trecho, segundo a gramática normativa do português, devido ao verbo estar precedido da partícula negativa “não”, o pronome deve ser posicionado antes do verbo, assim como está na crônica.

Em “(...) o velho *lhe* serve cachaça (...)”, também ocorre a colocação do pronome antes do verbo. Conforme Mesquita (2002, p. 549), tal fato ocorre porque, atualmente, no português do Brasil, a preferência quanto à colocação dos pronomes recai sobre a próclise. O mesmo ocorre com as seguintes citações: “(...) o pescador de bigodes brancos *me* faz sinal (...)” (p. 43) e “Peço meu troco, ele *me* dá” (p. 44).

Apenas dois foram os casos registrados de ênclise: “Tenho vontade de vingá-*lo*” (p. 43) e “Seria inútil explicar-*lhe* que um coleiro (...)” (p. 44). Em razão de os dois verbos estarem no infinitivo impessoal, *vingar* e *explicar*, a utilização dos pronomes enclíticos foi empregada corretamente, segundo a norma culta.

No que diz respeito às situações em que esses pronomes aparecem na crônica, praticamente todos são utilizados exercendo a função que possuem; apenas o exemplo que segue está em desacordo com a norma culta da língua portuguesa.

Devido a, no português coloquial, o pronome tônico poder ser utilizado como complemento, foi registrado, em uma situação de fala informal na crônica, o pronome tônico *ele* substituindo o pronome complemento direto *o*, exercendo a função de objeto direto: “Foi o senhor quem pegou *ele*?” (p. 44). Considerando a norma culta, o correto seria: “Foi o senhor quem *o* pegou?”.

Já em *Glória* (1996, p. 32 a 34), de Carlos Drummond de Andrade, segunda

crônica analisada, em que a linguagem predominante é coloquial, é possível confirmar a forte presença, na língua portuguesa, dos pronomes tônicos, tais como *eu*, *ele(a)* e *eles*.

Um exemplo dessa grande quantidade de pronomes tônicos, presentes principalmente na linguagem informal, como a adotada nessa crônica, é: “*Eu* não tenho pai. E mãe *você* tem? *Ele* respondeu que mãe *ele* tinha (...)” (p. 33), em que aparecem três pronomes tônicos utilizados com função enfática, *eu* e, duas vezes, *ele*, e o pronome de tratamento *você* que exerce função de sujeito.

No exemplo apresentado, como observado, aparece o pronome de tratamento, que exerce função de sujeito, *você*. Essa forma prevalece sobre a forma *tu* e é utilizada como forma de intimidade e de tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. No Brasil, a redução do uso de *tu* e *vós*, 2ª pessoa, provocou a expansão e generalização do *você* e do *a gente*, que as substituem, porém, concordando com as formas relacionadas à 3ª pessoa.

Retirando os pronomes da citação, temos: *Não tenho pai. E mãe, tem? Respondeu que mãe, tinha*; o que não torna a frase incompreensível. Dessa maneira, parece que, devido às desinências já indicarem as pessoas a que se referem os verbos e, no caso da última oração, à pessoa já ter sido referida anteriormente (*ele*), é perfeitamente possível compreender sentenças como essa, em que as pessoas já estão determinadas, seja pela desinência verbal, seja por referências passadas encontradas no texto.

Como é uma lavadeira humilde quem narra a história, encontramos traços que identificam a linguagem informal. A discordância com a norma culta ocorre, por exemplo, em: “Aí o homem explicou, não sei bem qual é a explicação, *levaram ele* pra um edifício na cidade (...)” (p. 32), já que o pronome complemento *o* está sendo substituído pelo pronome tônico *ele*. Nesse caso, levando-se em consideração o que dizem as gramáticas, como a de Mesquita (2002, p. 238), a forma *no* (e suas variações) substitui o pronome oblíquo *o* quando este se apresenta depois de verbos

terminados em ditongo nasal, como em *am*; o correto seria *levaram-no*.

Como já foi dito, é tendência, no português, a utilização cada vez mais frequente de pronomes tônicos, inclusive, sendo utilizados, em alguns casos, como na citação anterior, quando os pronomes complemento seriam mais adequados.

Levando-se em consideração que os pronomes tônicos ou pronomes pessoais do caso reto podem desenvolver a função de complemento e analisando, agora, as situações em que os pronomes estudados aparecem em *Glória* (1996), fragmentos como: “(...) olharam muito *pra ele*” (p. 32) e “Paga *a ela*, Reginaldo” (p. 34) e “(...) levaram *ele* pra um edifício na cidade (...)” (p. 32) e “Então manda *ela* aqui (...)” (p. 33), apresentam pronomes tônicos ou pessoais do caso reto exercendo a função de, nos dois primeiros casos, objeto indireto e, nos últimos, de objeto direto.

Nos primeiros exemplos, os pronomes tônicos *ele* e *ela*, juntamente com as preposições (*pra* - redução, na linguagem informal, de *para* - e *a*), substituem o pronome complemento indireto *lhe* que, na linguagem culta, se refere a substantivos acompanhados por preposição. Já nos últimos exemplos, os pronomes tônicos *ele* e *ela* deveriam ser substituídos, de acordo com a norma culta, pelos pronomes complemento direto *o* e *a*.

Ao contrário da primeira crônica analisada, em *Glória* (1996), além de não ser observado nenhum caso de ênclise, há três momentos em que, ao analisarmos a norma culta, notamos que a próclise é utilizada quando a ênclise seria preferencial. Em “(...) pedi pro compadre Julião *me* quebrar esse galho (...)”, “(...) vou viver até Nosso Senhor *me* fechar os olhos (...)” e “(...) eu não sabia quem é que podia *me* atender (...)” (p. 33), os verbos estão no infinitivo impessoal, o que prioriza o uso do pronome enclítico.

Outros registros foram feitos nessa crônica: “(...) e *me* deu um papel passado (...)”, “(...) na rua *me* olhavam admirados (...)” e “O senhor *me* desculpe, mas eu (...)” (p. 34). O primeiro e o segundo fragmentos citados, que estão dentro de um contexto informal na crônica, são exemplos para o comum uso generalizado da

próclise no português falado do Brasil atual. No terceiro exemplo, por outro lado, temos o imperativo afirmativo *me desculpe*, o que, segundo a norma culta, caracterizaria o uso da ênclise, isto é, o pronome deveria ser colocado depois do verbo. Mas, pelo mesmo motivo que justifica o uso da próclise nos dois primeiros exemplos, esse fragmento é um dos que contrariam a regra.

Na primeira crônica analisada, *Conversa de compra de passarinho* (2000), todas as ocorrências observadas quanto à posição dos pronomes clíticos estão dentro da norma gramatical da língua. Contudo, em *Glória* (1996), apesar de o uso de próclises ser a preferência dos brasileiros, surgiram situações em que a ênclise, segundo a norma culta, seria mais adequada.

No que diz respeito à mesóclise, que ocorre quando o pronome aparece no meio do verbo, acompanhando, unicamente, as formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito do indicativo, por ser muito rara, de uso pouco frequente ou quase nulo, no português brasileiro, principalmente na linguagem coloquial, não foi observado nenhum registro nessas crônicas.

Crônicas em língua espanhola

Ao analisar as crônicas de língua espanhola, deparamo-nos com situações opostas às encontradas nos textos de língua portuguesa. Há, na maioria dos casos, uma forte presença dos clíticos e a ausência dos pronomes sujeito. Tal fato confirma a tese de que, no espanhol, a desinência verbal possui uma força que possibilita a omissão dos pronomes sujeito, pois deixa implícita a pessoa a qual o verbo se refere através de sua conjugação.

Em *Te mando un brazo*, de Jaime Bayly (jornal “La Tercera”, 2005), aparecem nítidos exemplos que comprovam essa discordância com relação aos usos dos pronomes sujeito e complemento no português.

A aparição cada vez maior de pronomes tônicos no português segue uma

direção oposta em relação ao espanhol, no qual os pronomes que se referem ao sujeito são, na maioria das vezes, eliminados em razão de já estarem expressos através das desinências verbais ou por já terem sido mencionados em um determinado momento do texto. Esse fato é observado, por exemplo, no seguinte fragmento da crônica: “*Le respondo: Lamento que estés mal*”, no qual os pronomes *yo* (duas vezes) e *tú* são omitidos, devido às desinências dos verbos *respondo* (*yo*), *lamento* (*yo*) e *estés* (*tú*) já indicarem a pessoa a que se referem.

Porém, ainda há situações em que esses pronomes são utilizados, pois a omissão dos pronomes sujeito é apenas uma tendência, e não uma obrigação, na língua espanhola. Na crônica *Te mando un brazo*, o seguinte fragmento confirma tal afirmação: “*Yo también te mando un brazo*”. Nesse caso, o pronome *yo* aparece com função enfática, comprovando que não são em todas as situações que os pronomes sujeito são omitidos por já estarem implícitos nas desinências.

Outro fato contrastante em relação às crônicas de língua portuguesa é o grande uso de pronomes complemento. Nessa crônica, por exemplo, em todo momento, o narrador, para se referir à fala dos interlocutores apresentados no texto, diz “*Me dice*” e “*Le digo*”, modelos de utilização dos pronomes complemento indireto *me* e *le*.

Além dessas ocasiões, é possível encontrar, em *Te mando un brazo* (2005), fragmentos como: “*Entonces escribe/lo en inglés. (...) ¿Usted sabe trasladar/lo? (...) yo /lo traslado (...)*”, em que o pronome complemento direto *lo* está sendo utilizado para se referir ao texto que será escrito pelo aluno. No que se refere à utilização dos pronomes pessoais complemento nos idiomas estudados, esse é um dos exemplos que diferencia tais usos. Na língua espanhola, sem o pronome complemento, essas orações são ininteligíveis, já que o complemento da sentença se perde. Dessa forma, enquanto no fragmento citado, o pronome complemento é obrigatoriamente utilizado, no português, o pronome átono é comumente substituído por pronomes tônicos ou pessoais do caso reto.

No que diz respeito à posição dos pronomes nessa crônica, podemos dizer que há uma quantidade surpreendentemente maior de pronomes proclíticos que de pronomes enclíticos.

No título “Te mando un brazo”, podemos perceber um desses vários exemplos de próclise. A explicação se dá em razão de o verbo *mandar* estar conjugado no presente do indicativo (1ª pessoa do singular), o que demanda o uso do pronome *te* em posição proclítica.

Em espanhol, quando se trata de infinitivos, gerúndios e imperativos afirmativos ocorre a ênclise. Já com verbos conjugados, ocorre, geralmente, a próclise. Mas, segundo Sarmiento (1997, p. 156), há casos especiais que permitem o uso, também, da ênclise. Para o autor, na língua escrita, apesar de a próclise ser de uso mais comum, a ênclise, além de ser utilizada com certa frequência em inícios de frases (ex.: “Invitában/*le* a menudo”) ou depois de pausas, também é aceita em orações ligadas pelas conjunções *o*, *y*, *mas*, *pero* (ex.: “Se dice que habrá crisis de Gobierno, *pero* créese que no tendrá importancia”), entre outras, e depois de determinados complementos circunstanciais (ex.: “En los centros fabriles e industriales, temíanse disturbios”)¹⁰.

Há, ainda, a presença de clíticos em estruturas como as perífrases verbais. De acordo com Fernández Soriano (1999, p. 1262), “(...) los clíticos no siempre están adjuntos al verbo al que lógicamente pertenecen, del que son complemento, sino que tienen la capacidad de aparecer en el verbo conjugado de una perífrasis (...)”. A autora diz que os clíticos, dentro de perífrases, com infinito e gerúndio têm a opção de, no primeiro caso, serem colocados como proclíticos (ex.: “Se *lo* puedo/debo dar”) e, no segundo caso, como enclíticos (ex.: “Quiero seguir explicándote/*lo*”)¹¹.

¹⁰ Os exemplos apresentados estão presentes no *Manual de corrección gramatical y de estilo: Español normativo, nivel superior* (1997) de Ramón Sarmiento.

¹¹ Os exemplos apresentados são de Olga Fernández Soriano e estão presentes no capítulo 19,

Vários são os momentos em que fragmentos como “*Me dice*” ou “*Le digo*” aparecem, já que o narrador, apresentando diferentes diálogos, se utiliza desses termos para se referir à fala de cada um dos interlocutores apresentados no texto. Também foram observadas duas ocorrências de próclise em sentenças formadas por verbos conjugados no *Pretérito Perfecto Compuesto*: “(...) una amiga *me* ha dicho que usted (...)” e “*Lo* he sacado de la librería”. O uso do pronome proclítico - nos primeiros casos apresentados, os complementos indireto *me* e *le* e, nos últimos exemplos, o complemento indireto *me* e o complemento direto *lo* - se explica devido a, no espanhol, o pronome anteceder o verbo na maior parte dos casos.

Seis foram os registros de ênclise: “(...) no te olvides de *comprarme* el (...)” “¡Tengo que *tenerlo!*”, “¿Y cuánto te falta para *graduarte?*”, “Entonces *escríbelo* en inglés”, “¿Usted sabe *trasladarlo?*”, “(...) no quieres *saberlo*” e “Gracias por *leerme* (...)”. Os primeiro, segundo, terceiro, quinto, sexto e sétimo casos se explicam da mesma maneira, pois todos apresentam verbos em infinitivo, *comprar*, *tener*, *graduar*, *trasladar*, *saber* e *leer*, o que, segundo a regra, permite a utilização de enclíticos. Já ao quarto exemplo, que expressa uma ordem/recomendação, o uso do enclítico *lo* também é aplicado, porque *escribe* se trata de um imperativo afirmativo, admitindo, portanto, somente a ênclise.

Quanto à função desempenhada por cada pronome, os pronomes sujeito, as poucas vezes em que aparecem, exercem sua função de sujeito das orações, é o caso de: “*Yo* siempre quise aprender a volar”; “*Ella* le dice a mi padre (...)” e “¿*Usted* sabe trasladarlo?”, por exemplo.

Os clíticos registrados na crônica são vários, todos são utilizados desempenhando a função de complemento.

Dois exemplos de clíticos exercendo a função de complemento direto são “*Pero lo* tienes hace un año nomás” e “Entonces *escríbelo* en inglés”. No primeiro

denominado *El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos*, da *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (1999).

caso, o complemento direto *lo* se refere ao Mini iPod, já no segundo, o pronome se refere ao texto que será escrito pelo aluno.

Exemplos de clíticos cumprindo a função de complemento indireto predominam no texto. Foram observados, por exemplo: “Mi hija *me* dice (...)”; “(...) comprar*me* el iPod Nano (...)”; “*Le* digo: Pero ya tienes el Mini iPod”; “¿Y cuánto *te* falta para graduarte?” e “Gracias por leer*me* (...)”. No primeiro e terceiro fragmentos, os objetos indiretos *me* e *le* marcam a fala dos personagens, no primeiro caso, da filha que se dirige ao narrador, seu pai, e, no terceiro, do narrador que fala com sua filha. Já na segunda e quinta situações, o complemento indireto *me* corresponde a “para *mí*”, indicando, respectivamente, a filha e o narrador. O quarto exemplo possui dois clíticos *te*, ambos complemento indireto, representando o narrador em uma pergunta feita por sua mãe.

Por fim, a frase “Luego saca el libro de su cartera y *me lo* muestra”, por exemplo, apresenta dois complementos, um direto e outro indireto. Nessa frase, o *me*, complemento indireto, se refere ao narrador e o *lo*, complemento direto, ao livro.

Em alguns casos, há, ainda, a duplicação de objeto através do uso enfático desses pronomes: “Ella *le* dice a mi padre (...)”. Como observado, no exemplo citado, o pronome *le* possui o mesmo referente do sintagma *a mi padre* que, portanto, esclarece o clítico.

A última crônica analisada, *Nena, llévate un saquito* (1997, p. 25 a 27) de Néstor Perlongher, confirma tudo o que foi exposto a respeito da utilização, em língua espanhola, dos pronomes estudados.

Os pronomes clíticos também predominam nessa crônica. É o caso de “*Lo* presionaron amenazando*lo* con llamar a la esposa, y decir*le* que estaba con una prostituta...” (p. 26), em que podemos verificar os pronomes complemento desenvolvendo a sua função de expressar tanto objeto direto como objeto indireto, pois, no fragmento, enquanto o complemento direto *lo* se refere ao homem, o pronome complemento indireto *le* se refere à esposa, demonstrando ambas as

possibilidades de utilização, inclusive na linguagem informal.

Ao mesmo tempo em que, na língua espanhola, o uso dos pronomes complemento se sobressai, os pronomes sujeito se tornam cada vez mais omissos. É o que podemos observar em: “(...) lo que *has hecho* y lo que *harás*” (p. 26), em que o pronome sujeito *tú* está ausente, em razão de a pessoa já estar implícita nas desinências do verbo *hacer* conjugado, na segunda pessoa do singular (*tú*), no *Pretérito Perfecto Compuesto* (*has hecho*) e no *Futuro do Indicativo* (*harás*).

Em relação à posição dos pronomes nessa crônica, ao compararmos os proclíticos e os enclíticos, é observado, assim como na primeira crônica analisada, um número maior de próclise. A regra que trata do uso mais comum, no espanhol, de clíticos antepostos ao verbo (próclise) é confirmada novamente.

A começar pelo título, “*Nena, llévate un saquito*”, temos uma ênclise - o que não determina a posição de clíticos predominante no texto. Essa posição se explica devido ao verbo *llevá* estar conjugado no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – vos, segundo a variante argentina do espanhol), o que caracteriza o uso do pronome enclítico *te*.

Outros enclíticos também foram registrados: “(...) se inclinare a *recogerlos*, (...)” (p. 25); “(...) no sólo debe ser decente sino *aparentarlo*” (p. 25); “(...) nunca se olvidaban de *decirnos*(...)” (p. 25); “*Nena, llévate un saquito*” (p. 25); “Lo presionaron *amenazándolo* con (...)” (p. 26) e “(...) *decirle* que estaba con (...)” (p. 26).

Em quatro desses cinco exemplos, a explicação para tal uso é a mesma, já que com infinitivos ocorre a ênclise. Os verbos *recoger* (primeiro exemplo), *aparentar* (segundo exemplo) e *decir* (terceiro e sexto exemplos), dessa maneira, devem estar acompanhados de pronomes pospostos a eles, assim como ocorre com *los*, *lo*, *nos* e *le*, respectivamente.

O quarto exemplo corresponde ao título, sendo explicado, portanto, da mesma maneira: o verbo *llevá* está conjugado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo, logo, deve ser acompanhado pelo enclítico *te*.

Finalmente, o quinto caso corresponde a um verbo em gerúndio, *amenazando*, admitindo, também, a ênclise. O pronome *lo* é, então, posicionado depois do verbo: *amenazándolo*.

Como já havia sido dito, são várias as aparições de proclíticos. A maior parte delas se explica em razão de esses pronomes acompanharem verbos nas formas simples do indicativo. É o caso, por exemplo, de: “(...) *les* cabría a las chicas (...)” (p. 25); “También *les* puede pasar que (...)” (p. 26); “Veamos lo que *le* pasó a Nélida (...)” (p. 26) e “(...) la policía *los* separa (...)” (p. 27). No primeiro caso, temos o *Condicional* do verbo *caber*, no segundo e quarto casos, a terceira pessoa do singular do *Presente* dos verbos *poder* e *separar* e no terceiro exemplo, o *Pretérito Perfecto Simple* do verbo *pasar*. Foi observado, ainda, um proclítico acompanhando um tempo composto do indicativo, o *Pretérito pluscuamperfecto*: “(...) decía que *me* había pagado” (p. 26), que tem seu uso explicado devido a, no espanhol, na maioria dos casos, o pronome anteceder o verbo.

Também aparecem, na crônica, verbos conjugados no Modo Subjuntivo. Nestes três exemplos: “Esperamos que a las chicas no *se les* ocurra (...)” (p. 26); “(...) es posible que *se lo* hagan pedacitos (...)” (p. 26) e “La chica se puede hartar de que *la* confundan (...)” (p. 26), a utilização da próclise ocorre devido aos verbos estarem conjugados no tempo Presente desse modo, *ocurra* (3ª pessoa do singular), *hagan* (3ª pessoa do plural) e *confundan* (3ª pessoa do plural), o que caracteriza, habitualmente, o uso de proclíticos.

A posição desses pronomes em ambas as análises, tanto em *Te mando un brazo* (2005) como na última crônica estudada, *Nena, lleváte un saquito* (1997), registram que a colocação pronominal foi feita de maneira adequada, segundo a norma culta do espanhol.

Com relação à função exercida por cada um dos pronomes nessa crônica, assim como na primeira, foram encontrados poucos pronomes sujeito, especialmente desempenhando a função de sujeito: “Cierto que *ellas* no cobran (...)”

(p. 26).

A crônica conta com uma grande quantidade de clíticos, que, da mesma maneira como na primeira crônica de língua espanhola analisada, exercem a função de complemento, principalmente de complemento indireto. Seguem alguns exemplos: “(...) las mamás que nunca se olvidaban de decirnos (...)” (p. 25); “(...) Nena, llévate un saquito” (p. 25); “También les puede pasar que presas (...)” (p. 26); “Allí 'me fabricaron' un antecedente (...)” (p. 26) e “(...) decirle que estaba con una prostituta (...)” (p. 26). No primeiro, segundo, quarto e quinto exemplos, os clíticos *nos*, *te*, *me* e *le*, respectivamente, correspondem a “a nosotros”, “a ti”, “a mi” e “a ella”. Já no terceiro exemplo, *les* se refere a “a las chicas”.

Também foram encontrados alguns pronomes complemento direto, por exemplo: “(...) antes que un caballero se inclinare a recogerlos (...)” (p. 25); “Lo presionaron amenazándolo con llamar (...)” (p. 26) e “La chica se puede hartar de que la confundan (...)” (p. 26). Os pronomes *los*, *lo* e *la* se referem, respectivamente, a “pedacitos”, a “hombre” e a “chica”.

Podemos dizer, ainda, que há, em ambas as crônicas, a duplicação de objeto, pois em *Nena, llévate un saquito* (1997) é possível encontrar citações como “Dos policías de civil (...) nos llevaron a todos a la comisaría” (p. 26) e em *Te mando un brazo* (2005) encontramos, por exemplo, “Ella le dice a mi padre”. Em cada fragmento apresentado, temos um clítico, no primeiro caso, *nos*, e, no segundo, *le*, que possuem os mesmos referentes se comparados aos sintagmas *a todos* e *a mi padre*, respectivamente, que esclarecem, evidenciam ou recordam os clíticos em cada exemplo. Ocorre, então, uma duplicação de objeto, já que, apesar de os clíticos estarem expressos, há utilização do sintagma preposicionado, que também representa complemento, isto é, há, em uma única oração, um clítico e um sintagma com um mesmo referente.

Análise contrastiva

No geral, foi possível observar, nas crônicas em língua portuguesa, um grande número de pronomes tônicos e raríssimos pronomes complemento. Tal fato corrobora a afirmação de que está ocorrendo um aumento crescente da utilização dos pronomes pessoais tônicos e uma notável diminuição ou falta de utilização dos átonos no português do Brasil, principalmente, na linguagem coloquial.

Em contrapartida, ao serem analisadas as crônicas de língua espanhola, encontramos situações opostas; há, na maioria dos casos, uma forte presença dos clíticos e a ausência dos pronomes sujeito. Essa afirmação confirma que, no espanhol, a desinência verbal é capaz de permitir a omissão dos pronomes sujeito, já que, por meio de sua conjugação, deixa subentendida a pessoa a qual o verbo se refere.

Esse grande uso de pronomes complemento pode ser observado, por exemplo, em *Te mando un brazo* (2005), em que o narrador, para se referir à fala dos interlocutores apresentados no texto, diz “*Me dice*” e “*Le digo*” variadas vezes, modelos de utilização dos pronomes complemento indireto *me* e *le*. No português informal, assim como foi observado nas crônicas de língua portuguesa, seria mais comum nos depararmos com situações como “Ele disse para mim” e “Eu falei para ele”, em que não aparecem os átonos, mas, sim, os pronomes tônicos.

O fragmento “Entonces escríbelo en inglés. (...) ¿Usted sabe trasladarlo? (...) yo lo traslado (...)”, também de *Te mando un brazo* (2005), que apresenta repetidas vezes o pronome complemento direto *lo*, é outro exemplo que ao ser traduzido para a linguagem informal do português, na qual seriam utilizados os pronomes sujeito no lugar dos clíticos, ficaria: “Então escreva ele em inglês. (...) Você sabe traduzir ele? (...) Eu traduzo ele (...)”.

Os casos citados e suas respectivas traduções demonstram uma inversa assimetria: um grande uso dos pronomes complemento no espanhol, mesmo em situações informais, ao passo que, no português, essa forma é utilizada em estilos

mais formais, sendo, muitas vezes, substituída por pronomes tônicos.

Como se pode notar, no que se refere à utilização dos pronomes pessoais sujeito e complemento, existem situações que são contrárias se comparamos as crônicas de língua portuguesa em relação às de língua espanhola.

Conclusão

Por terem o latim como língua de origem e serem, assim, consideradas línguas-irmãs, as línguas portuguesa e espanhola sempre são comparadas, sendo, também, a sua proximidade constantemente discutida.

Baseando-se em afirmação de González (2008), pode-se dizer que, para fins de aprendizagem, é perigoso nos apoiarmos simplesmente no estereótipo de que existe uma grande semelhança entre o espanhol e o português do Brasil, porque, mesmo quando essas semelhanças existem em um nível superficial da língua, outros fatores, como a utilização de determinados pronomes tônicos e átonos em cada língua, podem nos levar a erros graves de interpretação e, inclusive, à interpretação ambígua.

Assim como observado neste trabalho, apesar de serem muito semelhantes em ambas as línguas, a similitude entre os usos e até mesmo a composição do quadro de pronomes nas línguas portuguesa e espanhola parece estar diminuindo.

A partir de definições teóricas relacionadas a estudos da língua portuguesa e da língua espanhola, além da análise de crônicas, com o objetivo de focalizar a utilização dos pronomes estudados, foram identificados aspectos referentes à utilização desses pronomes em português e em espanhol.

Tendo como base uma seleção de pronomes que permitiu a identificação de elementos que diferenciam e distanciam os dois idiomas, foi observado o quão presentes são os pronomes tônicos e como são raros os pronomes complemento na língua portuguesa, em especial, na modalidade coloquial criada pelos autores nas

crônicas e, em situação oposta, o quão frequentes são os clíticos e como são ausentes os pronomes sujeito na língua espanhola.

Na verdade, tendo como foco as formas como são utilizados alguns pronomes pessoais, sujeito/“sujeito” e clíticos não-reflexivos e não-preposicionados/“complemento directo e indirecto” (não preposicionados), em português e em espanhol, foi possível contrastar essas duas línguas e comprovar que existem, assim como aproximações, diferenças, principalmente no que diz respeito à aparente semelhança, entre os sistemas pronominais de cada idioma.

Baseado no que foi analisado, é possível afirmar que, ao passo que, no espanhol, usualmente, predominam os pronomes oblíquos átonos e são omitidos os pronomes tônicos, no português do Brasil, ocorre o aumento crescente da utilização dos pronomes pessoais tônicos e a notável diminuição ou falta de utilização dos átonos, principalmente, na linguagem coloquial.

O trabalho, dessa maneira, contribui para as pesquisas que se dispõem a reconhecer/identificar as diferenças e aproximações entre a língua portuguesa e a língua espanhola, principalmente no que diz respeito à aparente semelhança entre os sistemas pronominais de cada idioma.

Referências:

ANDRADE, C. D. Glória. *In*: BRAGA, R., ANDRADE, C. D., et al. **Para gostar de ler: Crônicas**, vol. 4. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996, p. 32 a 34.

BAYLY, J. Te mando un brazo. *In*: **Diario La Tercera**. Publicado em: 17 out. 2005. Impreso.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

BON, F. M. **Gramática comunicativa del español**. Madrid: Edelsa, 2008.

BRAGA, R. Conversa de compra de passarinho. *In*: ANDRADE, C. D., SABINO, F., et al. **Para gostar de ler: Crônicas**, vol. 1. 26. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 42- 44.

CALVO, M. C. **Espanhol e português em contato**: o atrito da L1 de imigrantes espanhóis no Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade de Brasília (UNB). 2007. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3274/1/2007_MariaCarolinaCalvoCapila.PDF>. Data do acesso: 21/11/2016.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2001.

CUNHA, C., CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. in: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (eds.) **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid: RAE – Espasa Calpe, tomo 1, 1999, cap. 19, p. 1209 a 1273.

GONZÁLEZ, N. T. M. Português Brasileiro y Español: lenguas inversamente asimétricas. **Signos ELE**, v. 1, p. 1, 2008.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MESQUITA, R. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PERLONGHER, N. Nena, llévate un saquito. In: **Prosa plebeya**: Ensayos 1980-1992. Buenos Aires: Colihue, 1997, p. 25 a 27.

SARMIENTO, R. **Manual de corrección gramatical y de estilo**: Español normativo, nivel superior. Madrid: SGEL, 1997.

SIMÕES, A. M. **A aquisição/aprendizagem de espanhol e a coexistência de gramáticas no português brasileiro**: tendências e hipóteses. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/eventos/epog/textos/Adriana%20Martins%20Simo.es.pdf>>. Acesso em: 21/11/2016.

ZORZO-VELOSO, V., SAITO, R. S. Funções pragmáticas da duplicação de clíticos:



mostras no gênero HQ. **Entretextos** (UEL), v. 06, p. 134-142, 2007. Disponível em: <<http://www2.uel.br/revistas/entretextos/pdf6/16.pdf>>. Acesso em: 21/11/2016.

Recebido em: 16/12/2016

Aceito em: 10/01/2017